

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**FILOSOFIA NA ESCOLA NA SUA IMPOSSIBILIDADE: A PARTIR DE
UMA LEITURA DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA.**

VAGNER MARTINS

BRASÍLIA, 17 DE DEZEMBRO DE 2011.

VAGNER MARTINS

**FILOSOFIA NA ESCOLA NA SUA IMPOSSIBILIDADE: A PARTIR DE
UMA LEITURA DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, na área de Teorias e Fundamentos, sob a orientação do Professor Tadeu Queiroz Maia e co-orientação do Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro.

BRASÍLIA, 17 DE DEZEMBRO DE 2011.

Este trabalho de conclusão de curso foi orientado, lida e aprovada pela Comissão Examinadora do candidato e aceita como parte dos requisitos da Universidade de Brasília para conclusão do curso de:

PEDAGOGIA

Título da monografia: **FILOSOFIA NA ESCOLA NA SUA IMPOSSIBILIDADE: A PARTIR DE UMA LEITURA DE UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA.**

Candidato: Vagner Martins.

COMISSÃO EXAMINADORA

Professor Tadeu Queiroz Maia

Orientador

Professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro

Coorientador

Professora Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Membro

Brasília, 17 de Dezembro de 2011.

Dedico ao meu pai e minha mãe, que sempre me apoiaram nas minhas decisões e me deram condições de seguir em frente, ensinaram-me a fazer as melhores escolhas e que devemos lutar pelo o que queremos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares que sempre me apoiaram e me incentivaram a caminhar e conquistar meus objetivos.

Agradeço aos meus orientadores o professor Tadeu Queiroz Maia e o professor Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro pela competência com que me instruíram e pelos bons momentos de discussão e reflexão dentro do projeto Filosofia com Crianças.

Agradeço ao meu amigo Ciro e sua família que me acolheram muito bem quando cheguei em Brasília, sendo uma família aqui para mim.

Agradeço ao meu amigo Artur (Tio Caju) que foi um grande amigo e me ajudou muito durante o meu curso com os problemas acadêmicos, aprendi muito com ele.

Agradeço a todos os meus professores que bem ou mau me ensinaram algo.

Agradeço a todos os meus alunos, pois o que não consegui aprender por conta própria, eles me ensinaram a fazer. Aprendi muito com vocês e tenho um grande carinho por todos vocês. Agradeço alguns em especial, mas não me lembro do nome de todos.

Agradeço aos meus amigos Andrei Simão, Deivison Brás e Siri Dharma que foram grandes companheiros de bar e festas durante o curso, afinal, ninguém é de ferro.

Agradeço ao Hidelbrando e a Rita que sempre que possível deram uma ajudinha quando precisei de alguma coisa e as caronas também.

Agradeço aos convites para almoçar na casa dos meus amigos e alunos e na casa do Ciro, é muito bom ser recebido em casa, esse carinho é muito bom quando moramos longe de casa.

Vocês sempre farão parte da minha vida!

Muito Obrigado!

“Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.”

Carlos Drummond de Andrade.

Filosofia na escola na sua impossibilidade: A partir de uma leitura de uma experiência pedagógica.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a forma de atuação dos professores em sala de aula, considerando a filosofia como ato na educação, formando educadores reflexivos capazes de escutar, falar e pensar sobre a fala do outro. A partir de uma postura, deixar de acreditar que o professor é o único provedor do conhecimento em sala de aula e valorizar cada vez mais o conhecimento do grupo, criando possibilidades de aprendizado em todos os locais, assim mostrar a filosofia como forma de atuação na escola e não somente como matéria em sala de aula. Essa reflexão surge da vivência que tive no projeto de Filosofia para Crianças e a experiência que tive no ensino tradicional, faço uma comparação entre eles, mostrando as possibilidades de levar essa forma de trabalhar para a escola a partir da comparação com uma escola que a forma de trabalho é similar ao trabalho do projeto de filosofia com crianças.

Palavras – chave: Filosofia, Experiência, Possibilidades.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	VI
Capítulo 1 Memória educacional.....	8
Capítulo 2 Epistemológico (conceitos/filosofar).....	15
2.1 Programa de Filosofia para crianças.....	17
2.2 Filosofia como disciplina na escola - Histórico do programa filosofia com crianças.....	19
2.3 Por onde começar com a filosofia na escola?	24
2.4 Novelas Filosóficas.....	24
2.5 Antes de começar.....	25
2.6 começando.....	27
2.7 Qual o papel do professor nessa história?.....	30
Capítulo 3 Filosofia na escola: Experiência de uma pratica pedagógica....	31
3.1 Que escola é essa?.....	32
3.2 Liberdade sem medo.....	35
3.3 A roda.....	38
Considerações finais.....	44
Perspectivas futuras.....	45
Referências Bibliográficas	46

Capítulo 1 Memória educacional

Considero importante relatar um pouco da minha trajetória educacional, pois por meio dela mostro o porquê do interesse ao tema proposto.

Quando chequei na universidade pensava que meu ensino tinha começado quando entrei na escola. Mas agora posso perceber que começou muito antes da escola.

Entre na escola com sete anos, antes disso, enquanto não cumpria minhas obrigações como criança, aproveitava para aprender sobre engenharia civil e mecânica, administração e algumas coisas que não aprenderia na escola.

Minha família tem uma pequena fábrica e em negócios pequenos não se tem muito dinheiro para investir no começo, então a solução era inventar e fabricar as máquinas que precisássemos. Sempre achei muito divertido ficar atrás do meu tio enquanto ele estava pensando uma solução para algum problema. Assim aprendi muito sobre mecânica, construções, instalações elétricas e outras coisas com um cara que não era “formado” em engenharia, mas era um excelente engenheiro.

Com o outro tio que era o responsável pelo escritório e não fez faculdade de administração, aprendi sobre atendimento ao público, como resolver problemas com clientes e outras coisas que são importantes para administrar um negócio.

Com o meu pai, que não era agrônomo, além de toda a minha “educação” (princípios, valores etc.), aprendi a plantar (pomar, horta, plantas ornamentais etc.) e com isso aprendi que realmente há tempo para tudo (plantar, esperar, colher e replantar se for preciso), e como é importante respeitar esses tempos.

Quando tinha quatorze anos montei meu primeiro negócio usando o que tinha aprendido nas ocasiões anteriores e na escola. Sempre ganhava algum dinheiro.

Durante a escola não lembro muito das coisas que aprendi (falo dos conteúdos), tenho certeza que aprendi a ler e escrever, e matemática. Mas ainda assim aprendi muito na escola com as relações sociais que tive.

Estudei em uma escola pública no interior do estado de Goiás, a escola não tinha foco em vestibular e em nada do tipo. O “objetivo” era que os alunos concluíssem o ensino médio e fosse para o mercado de trabalho. Do jeito que saísse da escola estava bom, o importante era se “formar”.

Hoje até brinco dizendo que tive uma educação tão ruim, que não poderia ter sido melhor. Na escola aprendi muito sobre resolução de problemas, sempre precisava conversar com um professor para ajudar a resolver o problema de alguma nota baixa entre outras coisas. A relação com os professores sempre foi bem próxima, tinha liberdade para conversas.

A equipe da escola se envolvia nos eventos, feiras de ciências, festas juninas, datas comemorativas, festas para arrecadar dinheiro para aquisição de materiais e para festas de formaturas, etc. Com isso aprendemos a nos envolver nos projetos da escola, sempre organizando um passeio, um torneio de futebol etc.

Esses dias um amigo do tempo da escola comentou comigo que apesar de ter virado noites trabalhando em festas na escola e não termos conseguido muito dinheiro para a nossa festa de formatura (que tínhamos a intenção de pagar com esse dinheiro), ele se divertia muito. Sempre aprendemos alguma coisa na escola mesmo que não tenha sido em sala de aula, e mesmo quando não aprendemos nada ou achamos que não, o importante é que foi divertido.

No segundo ano do ensino médio, quando tinha dezesseis anos, resolvi estudar no colégio agrícola em Brasília-DF, fiquei lá um semestre, morei no próprio colégio. Além das coisas que aprendi com o curso e de como viver longe de meus pais, aprendi a desossar frango, a pescar escondido (era proibido pescar), a trocar porco por cachaça no bar mais próximo, beber e a namorar escondido a filha dos outros (nesse caso a filha da cozinheira que morava lá). Fiquei somente um semestre e decidi voltar para casa e terminar o ensino médio por lá mesmo.

No terceiro ano aprendi como arrumar briga, a passar por valente sem ter coragem de brigar, e voltar a ser “amigo” de novo para não dar chance de revanche.

Nessa época não sabia o que queria, até hoje não sei, e nem se queria alguma faculdade, mas me interessava pelo curso de agronomia. Assim que terminei o ensino médio decidi fazer cursinho, apesar de ter aprendido muita coisa na escola,

elas não serviram para o vestibular. Como era de se esperar não passei no vestibular, tentei mais uma vez e não passei de novo. Decidi mudar de curso para entrar logo na faculdade, tinha a intenção de fazer agronomia depois, e escolhi pedagogia que era o mais fácil de passar e passei. No segundo semestre do curso consegui um estágio na faculdade e tinha que cumprir 15 horas semanais de trabalho, e fiquei em uma creche que tem na faculdade para filhos de servidores e trabalhei lá por dois anos. Foi quando descobri porque estou fazendo pedagogia, eu não escolhi o curso foi o curso que me escolheu.

Nesse período trabalhei com uma turma de dois anos e meio de idade e depois com o acompanhamento das atividades escolares com uma turma de sete anos. Gostei do trabalho com as crianças e as crianças gostaram do meu trabalho é claro, então decidi continuar o curso até o final.

Durante o curso participei de alguns projetos, a maioria deles foi com crianças de até seis anos e alguns com crianças mais velhas.

Participei do projeto de filosofia com crianças e filosofia na escola do terceiro ao último semestre do meu curso e do projeto de educação no campo e educação ambiental durante um semestre cada.

Comecei a participar do projeto de filosofia por acaso, na semana de extensão de 2007 me inscrevi em uma oficina de filosofia com crianças, estava pensando que seria uma oficina para adultos (gente grande), mas quando cheguei ao local foi que descobri que a oficina era para as crianças. De adultos tinha os monitores e eu lá e umas cem crianças. Fiquei sem graça, mas pensei: por que não ficar? Pode ser muito interessante. Conversei com os professores e fiquei participando e ajudando com as atividades.

A oficina começava às 9 horas da manhã e terminava 4 da tarde, e para realizar as atividades propostas as crianças foram divididas em grupos de 15 a 20 crianças. E fiquei com outro monitor responsável por um grupo para participar das atividades. Participei e me diverti com as crianças, foi muito gratificante poder correr, brincar e conversar enquanto realizávamos as atividades propostas.

No final da oficina o professor me chamou para participar do projeto, depois dessa experiência não teve com dizer não e continuei no projeto até o meu último semestre no curso.

Em 2009 comecei um estágio na Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo como educador, onde percebi uma forma diferente de educação e aprendi a enxergar a criança, o ser, a pessoa sensacional que está ali na sua frente pronta para te ensinar muito. Uma escola que conseguia enxergar que a criança que está ali não tem como não ter uma forma diferente de educação. Fiquei dois anos na escola e trabalhei com crianças de dois anos e meio a seis anos de idade.

Essa experiência contribuiu muito para formar a minha opinião sobre educação, tanto das crianças quanto a das pessoas envolvidas no processo. Na época pensava que era dono da verdade e que as crianças não tinham muito a ensinar e a forma de “corrigir” as crianças era com castigo, ou melhor, “colocando a criança para pensar” “que é a forma revolucionária que inventaram para que as crianças pensem”.

Quando comecei a trabalhar em 2007 como “auxiliar” de professor com as crianças de dois anos e meio (na primeira escola), faltando três meses para o final do ano um aluno parou de frequentar a escola e não avisaram porque ele havia saído. Encontrei com pai dele dois anos depois, em 2009, e perguntei por que ele saiu da escola, me disse que quando chamava a atenção do seu filho por qualquer motivo que fosse o menino já ia pedindo desculpa sem nem querer saber o porquê estava sendo chamado e demonstra que estava com medo de ter feito alguma coisa “errada” e levar uma bronca e ter que ficar de castigo ou melhor tinha que ficar pensando. Seja qual for o nome que dão por ai estou falando do castigo mesmo. O que estávamos fazendo era colocando medo nas crianças para que nos obedecesse.

Nesse momento já tinha conhecido outros métodos de ensino, trabalhado com outros projetos em comunidades diferentes e pude perceber o quanto estávamos atrapalhando o desenvolvimento dessa criança. Tirando a coragem dele de explorar novas possibilidades, de arriscar, se expor para poder “errar” e tentar de novo e de novo e quantas vezes achar necessário. Desse jeito como ele poderá cometer novos “erros” (aprender) se tem medo de arriscar?

Durante todo esse tempo que estava trabalhando nas escolas continuei trabalhando em paralelo com o projeto de filosofia com crianças e na escola, onde era escolhida uma escola e realizávamos em média sete oficinas de filosofia por semestre com as turmas escolhidas. O objetivo era capacitar professores para trabalhar filosofia com as crianças e fazer oficinas com as crianças.

O objetivo dessas oficinas com as crianças é criar um espaço na escola para incentivar o pensar (me parecia ser somente isso) e funciona assim, é escolhido com as crianças um tema de interesse deles e o responsável por mediar a conversa tem por objetivo incentivar as crianças a pensarem a respeito do tema

Durante a participação no projeto de filosofia e o trabalho nessas duas escolas comecei a perceber a filosofia na escola não como ensino de filosofia em um momento que paramos para filosofar com os alunos, mas como filosofia da escola que garante o espaço para o pensar em qualquer momento e não somente em um horário definido.

Na primeira escola que trabalhei não se pensava na criança com criança, não sei se esse era o objetivo, mas a preocupação era em trabalhar a parte motora, treinando e treinando até ficar bom, e trabalhar o comportamental, que era feito com que as crianças respeitassem os outros através do medo. Era basicamente isso.

E na Vivendo e Aprendendo o foco é a criança, onde é valorizada a ação, o pensamento, a criatividade, a expressão, a opinião, a crença e a subjetividade das crianças.

O espaço de construção coletiva entre as crianças as possibilita de construir formas alternativas de participação, experimentando, dentro do espaço de aula, uma gestão participativa, onde cada um de seus integrantes deve ser ouvido e respeitado de forma plena, num complexo e rico exercício democrático.

Assim pretendo falar sobre filosofia com crianças e filosofia na escola comparando com a filosofia dessas escolas que trabalhei sendo esse o objetivo deste trabalho.

A preocupação em falar sobre a filosofia com crianças como disciplina na escola é devido a falta de espaço que temos nas escolas para crianças e jovens

pensarem (atuar). Os projetos, trabalhos e as atividades são feitos **para as crianças** e não **com as crianças**, evitando a possibilidade de atuação das crianças, assim ajudando a criar pessoas cada vez mais passivas que não conseguem agir sem alguém para lhes dizer o que fazer. Na educação infantil são poucas as escolas que realmente se preocupam com as crianças ou que querem que elas pensem. Normalmente o que percebemos é o adestramento das crianças, ensinando elas a obedecerem e ficar quietas, e não duvido que não tenha lugares que as ensinem a deitar e dar o pé. Desde o começo do ensino fundamental até médio a preocupação é só o vestibular (faz com que acreditem que a vida só começa depois de passarem no vestibular). Se a educação infantil tiver sido “boa”, nessa fase eles já estão prontos para ingerir os conteúdos prontos sem nem questionar o que é.

Crianças com os olhos fechados para o novo, incapazes de alimentar a reduzida informação que recebem com a curiosidade da própria infância. Meus adolescentes só fazem abrir a boca para ingerir o que já vem pronto; o novo encaixotado. Estão programados para ingerir o que já vem pronto... Estão programados para serem ótimos executantes, e não a desenvolver a capacidade de reflexão. Não pensar. É melhor não pensar... Conheci essa gente mais informada, mais curiosa, mais livre de preconceitos, dona de uma autonomia que o vestibular de múltipla escolha retirou inteiramente do aluno que se prepara hoje, para entrar na universidade... A perda da autonomia correspondente ao ganho da ilusão de exatidão, como fazer um bolo com a receita que já vem pronta... Meus adolescentes não têm surpresas... São tradicionalistas, medrosos e tontos. Não creio que cresçam nunca. Vagarosamente eles caminham para se transformarem em adultos retardados. (BORAN, 1981, p. 42-43).

A final de contas eles vão começar a pensar (viver) quando? Quando chegarem ao ensino superior?

Isso lembra uma história que meu pai conta.

Viajaram três pesquisadores para a amazonas, um biólogo, um matemático e um médico. Chegando lá contrataram um senhor e sua jangada para subirem o rio.

Durante a viagem o biólogo perguntou ao senhor da jangada:

- O senhor conhece a arte da biologia? Sabe sobre as plantas, os animais?

O senhor respondeu que não e o biólogo disse que pena o senhor não saber sobre biologia o senhor perdeu vinte por cento da sua vida.

Depois foi o matemático:

- O senhor sabe matemática? Sabe fazer raiz quadrada, calcular porcentagem?

O senhor respondeu novamente que não sabia e o matemático com um ar de superioridade disse ao senhor ele tinha perdido trinta por cento de sua vida por não saber matemática.

Mas o médico cheio de si perguntou se ele sabia alguma coisa de medicina e o senhor respondeu que não.

O médico com um ar de arrogância disse que ele tinha perdido quarenta por cento de sua vida, mas que era assim mesmo medicina não era para qualquer um.

E o senhor com toda sua sabedoria e calma, ao ver que estava entrando água no barco perguntou a todos, vocês sabem nadar? E todos disseram que não.

O senhor da jangada disse.

-Que pena, vocês perderam toda a vida.

Considero triste essa história porque observo isso dentro da faculdade na fala de grande parte dos colegas, enquanto mais as pessoas estudam mais elas acham que são melhores que as outras, se tornando cada vez mais pessoas arrogantes e que querem ser donas da verdade. O que é pior, pessoas que tem cada vez menos histórias de vida para contar. Suas grandes histórias foram ter passado no vestibular, em um concurso, ter sido aluno nota dez etc.

Onde estão os meninos que pescavam, jogavam bola em campo de terra, tomavam banho pelados no rio, que escalavam uma montanha com uma única garrafa de água para beber, que correram da polícia porque estava bagunçando na rua, que soltavam pipa em julho, e os que faziam suas próprias pipas, os meninos que pulavam fogueira de São João. Cadê essas pessoas? Sei que hoje as experiências são outras também, mas cadê as pessoas com histórias para contar? Não quero saber se o seu currículo é maior ou “melhor” que o meu. As pessoas não querem viver mais?

Conheci uma pessoa que nunca subiu em árvores (não questiono as experiências que tiveram, questiono não as deixarem terem experiências), acho isso uma coisa triste, uma pessoa que nunca teve o prazer de comer uma fruta em cima da árvore. Essas coisas não aprendemos estudando. E estamos conseguindo tirar isso das crianças. Querendo que elas simplesmente reproduzam conteúdos, e dizendo que se não fizerem isso ou aquilo que mandarmos, que não vão conseguir ser ninguém na vida se não souberem reproduzir as lições ensinadas. E esquecem que elas já são pessoas e que estão vivendo.

Assim não “estamos” deixando as crianças brincarem, se divertirem, fazer coisas que “não são produtivas”, serem crianças. Elas têm sempre que estar aprendendo alguma coisa **para quando crescer possa ser alguém**, e cada vez mais, conseguimos desencorajar as crianças a tentarem coisas novas.

Sem dúvida que o conteúdo tem importância, cabe à escola ser um lugar onde se aprende não só o que já é sabido, mas, também, um lugar onde se aprende a saber mais, onde se aprende a produzir novos conhecimentos. Mas a escola tem que ser um lugar encorajador, para que as crianças continuem a se arriscar e possam ter suas próprias experiências.

Capítulo 2 Epistemológico (conceitos/filosofar)

A filosofia pode tentar ser definida de várias formas como Deleuze cita:

...Deleuze afirma que a filosofia é a formação de conceitos e isso, de alguma forma, está presente aqui. Certamente alguém muito deleuziano poderia questionar que se trate efetivamente de criação e de conceitos, mas ninguém pode questionar que se trata de uma aposta firme em se pensar ideias, relações, mundos vidas e algumas outras coisas “de outra maneira”. Afinal, a filosofia, mais do que um corpo de conceitos e mundos é uma forma de se relacionar com os conceitos e mundos que habitamos. (Abecedário de criação filosófica/ Walter Omar Koan e Ingrid Muller Xavier (organização). – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 7)

Françoise Raffin diz que a filosofia:

...antes de ser um conhecimento ou um saber, pertence à ordem da experiência. É um empreendimento racional, sem dúvida, mas que, diferentemente da racionalidade científica, jamais rompe com o vivido. A filosofia se origina na experiência da vida e procura pensar sobre ela. (Pequena introdução a filosofia/ Françoise Raffin; tradução de Constância Morel e Ana Flaksman. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 11)

O Dicionário básico de filosofia (de Hilton Japiassú e Danilo Marcondes (2008) diz que é difícil dar uma definição genérica de filosofia, já que esta não varia não só quanto a cada filósofo ou corrente filosófica, mas também em relação a cada período histórico.

Atribui-se a Pitágoras a distinção entre sophia, o saber, e a Philosophia, que seria “ a amizade ao saber”, a busca do saber. Com isso se estabeleceu, já desde sua origem, uma diferença de natureza entre a ciência, enquanto saber específico, conhecimento sobre um domínio real, e a filosofia que teria um caráter mais geral, mais abstrato, mais reflexivo, no sentido da busca dos princípios que tornam possível o próprio saber. No entanto no desenvolvimento

da tradição filosófica, o termo “filosofia” foi frequentemente usado para designar a totalidade do saber, a ciência em geral, sendo a metafísica a ciência dos primeiros princípios, estabelecendo os fundamentos dos demais saberes. (Dicionário básico de filosofia/Hilton Japiassú, Danilo Marcondes. – 5. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 108)

A própria pergunta do que é filosofia? não se tem uma definição exata, as respostas podem ser contestadas, assim não tem como encontrar uma resposta exata ou única para a questão.

As relações entre filosofia e educação são muito diversas e complexas. Dependem, a princípio do que entendemos por filosofia e também do que entendemos por educação. (Filosofia e práxis pedagógica. / Walter Omar Kohan, Álvaro Teixeira Ribeiro. – Brasília: Universidade de Brasília, 2007, p.10).

Assim a definição de filosofia e educação pode variar conforme a intencionalidade de quem propõe. O que queremos? Que tipo de formação? Queremos pessoas obedientes que não sabem o que estão fazendo? Ou o quê?

Filosofia da Educação não é pedagogia. Não é tampouco, psicologia da criança. É ramo da filosofia. Ora, a filosofia não visa uma habilidade, nem, até, a um saber, mas, de início, a uma discussão de tudo quanto acreditamos poder saber. (Filosofia da Educação / Olivier Reboul. 1984 p. 1)

Assim também temos que saber o que queremos da filosofia e da educação para seguir nesse mundo da filosofia e educação.

A filosofia tem que vir para ajudar a emancipar o aluno, quebrando a lógica do professor explicador onde ele é o único juiz e o “dono da verdade” em sala de aula, sem permitir que o aluno aprenda o que ele deseja.

Quem ensina sem emancipar embrutece. E quem emancipa não tem que se preocupar com aquilo que o emancipado deve aprender. Ele aprenderá o que quiser, nada, talvez. Ele saberá que pode aprender porque a mesma inteligência está em ação em todas as produções humanas, que um homem sempre pode compreender a palavra de um outro homem. (O Mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual/Jaques Rancière; tradução de Lílían do Valle – 2 ed.- Belo Horizonte:Autêntica, 2004, p. 37.)

Para emancipar o outrem, é preciso que se tenha emancipado a si próprio. É preciso conhecer-se a si mesmo como viajante do espírito, semelhante a todos os outros viajantes, como sujeito intelectual que participa da potência comum dos seres intelectuais (Rancière, 2004).

Com isso a filosofia vem ajudar a construir esse espaço de aprendizagem na escola que permita a emancipação das pessoas, possibilitando que possam saber aprender o que quiserem ou não. Um homem emancipado pode ser instrutor militar, tanto quanto serralheiro ou advogado. (Rancière, 2004, p. 143)

2.1 Programa de Filosofia para crianças.

O programa que Lipman elaborou de Filosofia para crianças, com o intuito de iniciá-las no pensar filosófico, tem como objetivo contribuir para que a sala de aula pudesse ser um ambiente suficientemente significativo para o desenvolvimento cognitivo dos estudantes.

È um Programa educacional que propõe oferecer a crianças e jovens um espaço investigativo-dialógico no qual busquem maior e melhor compreensão de temáticas filosóficas e, ao fazê-lo, possam desenvolver sua capacidade de "pensar melhor" através de uma metodologia que faz parte integrante do programa de filosofia com crianças.

Esse programa visa cultivar e desenvolver as habilidades de pensamento das crianças, mediante a investigação e discussão de temas filosóficos, a fim de que elas possam pensar por si mesmas.

O programa de filosofia para crianças defende a ideia de que as salas de aulas devem ser espaços que as crianças e jovens aprendam a investigar e a fazer isso de forma coletiva.

O fazer Filosofia exige conversação, diálogo e comunidade que não são compatíveis com o que se requer na sala de aula tradicional.

Lipman (1990) diz que a Filosofia impõe que a classe se converta numa comunidade de investigação, onde estudantes e professores possam conversar como pessoas e como membros da mesma comunidade; onde possam ler juntos, apossar-se das ideias conjuntamente, construir sobre as ideias dos outros; onde possam pensar independentemente, procurar razões para seus pontos de vista, explorar suas pressuposições; e possam trazer para suas vidas uma nova percepção de o que é descobrir, inventar, interpretar e criticar. (Lipman, 1990).

Hoje percebemos que a educação segue para o lado contrário nas nossas escolas, a educação é confundida com a simples transmissão de conteúdo. O importante é assimilar a instrução/conteúdo e reproduzir na prova, exatamente do jeito que foi mostrado pelo professor, e assim não cabe ao aluno pensar, simplesmente reproduzir. E assim acaba gerando indivíduos não-críticos e mecanizados.

Paulo Freire (1975; 1996), denomina esse tipo de educação como educação bancária, onde o professor simplesmente “deposita” conhecimentos, dados, conceitos nos alunos. E a função dele é simplesmente acumular de forma passiva o que está sendo depositado.

A instrução "não privilegia a habilidade de argumentar, mas o alinhamento. Ao aluno cabe escutar, tomar nota e fazer a prova, dentro de um contexto extremamente reprodutivo" (DEMO, 2004, p. 33).

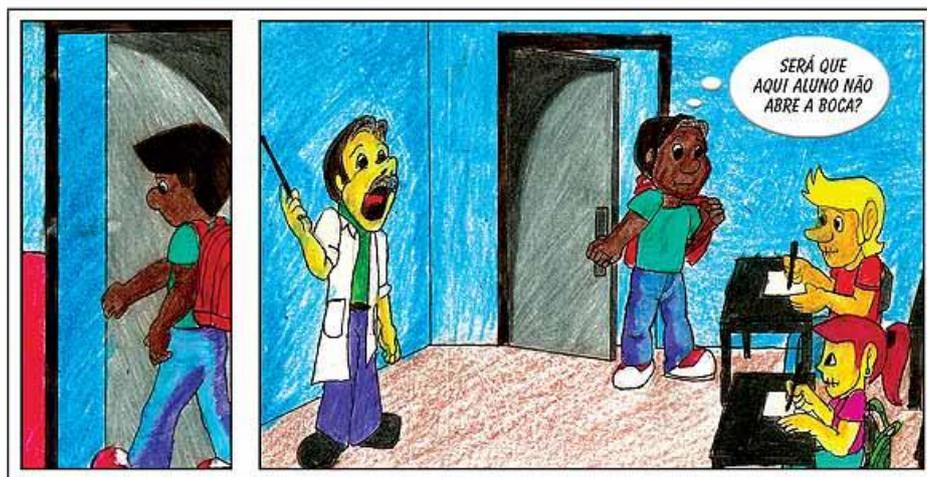


Figura 1

Matthew Lipman insatisfeito com esse comportamento (transmissão, pelo professor, de conhecimentos aos alunos, cabendo a estes apenas a absorção de um conhecimento pronto, inflexível e inequívoco por intermédio das informações que lhe são passadas) e que foi denominado por ele *paradigma padrão da prática normal*. Decidiu elaborar o programa de ensino de filosofia para que possa suprir a dificuldades relativas à capacidade de ler, interpretar, inferir, construir sentenças e fazer julgamentos, que observava em seus alunos.

Se me perguntarem por que eu me envolvi na ideia de que as crianças façam filosofia, diria que é porque me sinto ofendida com a ideia de que tratamos as crianças como se fossem depósitos e as mutilamos até que sejam maiores de

idade. Elas fazem dezoito anos e ainda continuam utilizando palavras como amor e amizade sem saber de que estão falando. (Ann M. Sharp, publicada em Linhas Críticas, Brasília, Vol. 5-6, 1998).

A proposta de Lipman de transformar a sala de aula em uma comunidade de investigação visa criar um ambiente participativo onde todos possam aprender com todos.

Uma comunidade de investigação na sala de aula é um grupo de crianças que investigam juntas sobre questões problemáticas comuns de uma maneira tal que se faz construir ideias a partir das ideias umas das outras, oferecer contra exemplos umas às outras, questionar as inferências umas das outras e encorajar umas às outras a gerar visões alternativas e soluções para o problema tratado, além de seguir a investigação a onde quer que ela leve. (Sharp, Lugares da Infância: Filosofia, 2004 p 122.)

Nesse sentido a filosofia tem o papel de ajudar as crianças a pensarem por elas mesmas.

2.2 Filosofia como disciplina na escola - Histórico do programa filosofia com crianças.

A proposta do *Programa Filosofia para crianças* foi formulada pelo professor de Filosofia americano, Matthew Lipman, que insatisfeito com o sistema educacional norte americano da década de 60, denominado por ele *paradigma padrão da prática normal* (transmissão, pelo professor, de conhecimentos aos alunos, cabendo a estes apenas a absorção de um conhecimento pronto, inflexível e inequívoco por intermédio das informações que lhe são passadas), elabora um programa de ensino de filosofia que possa suprir principalmente as dificuldades de seus alunos, relativas à capacidade de ler, interpretar, inferir, construir sentenças e fazer julgamentos.

Ele é conhecido por criar o programa de filosofia com crianças que tomou força no final da década de 1960 nos Estados Unidos e vem sendo pensado nos meios acadêmico e escolar no Brasil. Que se trata de um programa que visa cultivar e desenvolver as habilidades de pensamento das crianças a partir de investigação e discussão de temas filosóficos para que possam pensar por si mesmas.

Para difundir o programa de “Filosofia para Crianças Educação para o Pensar”, Lipman, junto com seus colaboradores, fundou o Instituto para o Desenvolvimento da Filosofia para Crianças (IAPC). Hoje o programa de filosofia de

Lipman é conhecido e aplicado em mais de 30 países. Entre eles: França, Inglaterra, Alemanha, Brasil, Rússia, Canadá, México, Chile, Argentina, Colômbia, Guatemala, Nigéria, Zimbábue, Israel, Jordânia, Taiwan e Coreia do Sul.

Tudo isso foi possível devido a ajuda de seus vários colaboradores do seu país e em outros países.

Um exemplo é Walter Omar Kohan que é argentino, licenciado em Filosofia pela Universidade de Buenos Aires e Mestrado na Universidade Ibero Americana onde também se doutorou com a Dissertação “A Filosofia na Educação das Crianças”. Participou de congressos e cursos em vários países, inclusive no Brasil onde foi professor de filosofia da educação na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, onde também coordenou o projeto “filosofia na escola” em conjunto com outros professores e crianças de escolas públicas.

O projeto de filosofia para crianças chegou ao Brasil através de Catherine Young Silva (1937-1993) em 1984, e, junto com um grupo de professores que ainda hoje trabalham com o programa, começou uma empresa de difusão e prática do diálogo filosófico com crianças, inspirados pelos materiais e métodos de Matthew Lipman e seus colaboradores. (Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman/ Walter Omar Kohan, Ana Míriam Wuensch. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. P. 51)- (série filosofia e crianças).

Esse mesmo grupo que ajudou a trazer para o Brasil a proposta de Lipman criou:

Em janeiro de 1985, este grupo criou o Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças (CBFC), entidade civil, sem fins lucrativos que passou a se dedicar à tradução dos materiais, divulgação desta proposta e formação de professores para o desenvolvimento do programa nas escolas. (Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman/ Walter Omar Kohan, Ana Míriam Wuensch. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. P. 51 - 52)- (série filosofia e crianças).

Bem como para formar professores e desenvolver o trabalho nas escolas. Junto com sua amiga Marion Burleigh, e com o apoio do filho Ricardo Silva iniciou, dentro das instalações da sede do Yàzigi em São Paulo, a divulgação deste trabalho nas escolas e universidades da capital. Segundo Ana Míriam Wuensch cita no seu artigo *Notas para uma história do movimento filosofia para crianças no Brasil*.

Atualmente, o projeto de filosofia para crianças está presente em capitais brasileiras como São Paulo, Florianópolis, Belo Horizonte, Cuiabá, Porto Alegre, Curitiba, São Luís, Fortaleza, Vitória, Brasília, Goiânia, Manaus e Vitória, onde o trabalho vem acontecendo, de forma mais ou menos sistemática, de cinco a doze anos, em pelo menos duas ou mais escolas locais. Em cidades do interior dos estados brasileiros de São Paulo, Minas Gerais,

Espírito Santo, Goiás, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pará, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rio de Janeiro – pelo menos há cinco anos as crianças vêm tendo aulas de filosofia em algumas escolas da rede de escolas particulares ou públicas. (Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman/ Walter Omar Kohan, Ana Míriam Wuensch. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. P. 46)- (série filosofia e crianças).

O projeto de filosofia na escola começou a dar seus primeiros passos na Universidade de Brasília-UnB em 1996, que por iniciativa dos próprios profissionais da universidade. Onde no mesmo ano foi organizado um minicurso de extensão de 16 horas, com o objetivo de criar uma discussão a respeito de tema em Brasília. Ainda contou com a participação da professora Ann Margaret Sharp, uma das colaboradoras de Lipman e Walter O. Kohan, que era professor do Departamento de filosofia da Universidade de Buenos Aires. O mini curso teve a participação de mais de cem alunos ex-alunos da UnB e professores das escolas públicas e particulares de Brasília. Ana Míriam relata em seu artigo, *Notas para uma história do movimento filosofia para crianças no Brasil*, que desde o início trabalho de filosofia com crianças vem despertando cada vez mais o interesses de professores e alunos da graduação para o projeto.

Em 1997, Walter Kohan, agora como professor visitante da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e a professora Ana Míriam Wüensch, do Departamento de Filosofia, ofereceram várias atividades sobre o filosofar com crianças e em junho do mesmo ano foi realizada uma jornada sobre filosofia na educação das crianças que contou com mais de 120 participantes. Outros minicursos foram realizados, e assim começou a criar um espaço na universidade e em muitas escolas do Distrito Federal começando a ter a acolhida dessa experiência piloto do projeto.

Em 11 de dezembro do ano de 1997 o projeto Filosofia na escola foi aprovado como projeto de extensão da UnB.

O professor Álvaro Sebastião lembra em seu artigo, *FILOSOFIA NA ESCOLA: A HISTÓRIA DE UM PROJETO*, que o projeto filosofia na escola teve sua implementação juntamente ao desenvolvimento, na rede pública de um projeto político pedagógico de cunho popular que foi chamado de escola Candanga. A proposta do projeto é de incentivo a reflexão, a apropriação crítica da realidade, a construção coletiva dos saberes e a autonomia, tanto dos alunos como dos profissionais da educação. No qual deveria ajudar o desenvolvimento de uma educação para a cidadania, objetivo ligado ao Projeto Filosofia na Escola.

Ainda no primeiro ano de implementação do projeto houve uma greve na UnB e na FEDF, (atual secretaria de estado de educação do Distrito Federal), no primeiro semestre do ano, assim os professores decidiram suspender o projeto no mesmo ano, com isso desmotivando muitos interessados no projeto que desistiram do projeto e assim dificultando a implantação do projeto.

Mas o projeto conseguiu resistir com os interessados que ficaram no projeto, voltando a funcionar após a greve e teve resultados satisfatórios, sendo avaliado de forma positiva pelos participantes.

No começo de 1999 as escolas que participaram nesse primeiro momento do projeto, em 1998, receberam a visita dos coordenadores do projeto para fazer uma avaliação de como foi esse primeiro momento que o projeto se fez presente nas escolas do Distrito Federal.

No final de março de 1999 foi feito o segundo curso "Filosofia na escola" que teve mais de setenta participantes, com carga horária de quarenta horas/ aulas. Em julho do mesmo ano ocorreu o terceiro curso de formação de "Filosofia na escola" desta vez com carga horária de sessenta horas aula.

Os coordenadores juntos à alunos e ex-alunos da graduação realizaram um curso de formação em filosofia para professores de três escolas da rede pública de educação do DF no primeiro semestre de 2011. O curso teve início em Março e duração de seis meses.

No começo o projeto tinha previsão para durar apenas dois anos. O trabalho desenvolvido deu tão certo que em dezembro 2011 o projeto completou 15 anos de existência, mas agora com o futuro incerto.

O projeto sobreviveu até o ano de 2011 sempre tendo seus altos e baixos, mas conseguiu sobreviver.

Os coordenadores do projeto atualmente são os professores Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro e o professor Tadeu Queiroz Maia. Eles são professores da secretaria de educação do distrito federal e estão cedidos para a UnB através de um convênio feito entre a secretaria de educação e a UnB.

Considero esse convênio muito importante para a UnB porque ele permite que a universidade consiga levar os alunos para a prática na sala de aula. Assim o aluno pode conhecer melhor a sua área de interesse e aprender a prática da sala de aula, sem precisar esperar se formar para descobrir esse mundo maravilhoso que é a educação ou não. Tive a oportunidade de realizar várias oficinas com as crianças

mesmo no começo do curso e sempre acompanhado e aconselhado por um professor ou monitor, aprendendo a lidar com o espaço cheio de vida que é a sala de aula.

Entre os altos e baixos do projeto de filosofia na escola, este ano de 2011 estamos tendo um momento incerto para o projeto na UnB, onde o convênio, entre a secretária de educação e a UnB, foi desfeito e os professores responsáveis pelo projeto estão voltando para a secretária de educação e deixando de atuar no projeto dentro da UnB.

Por enquanto o projeto fica parado e com futuro incerto. Mas o mais triste de tudo é que todos perdemos com isso. Tendo os professores da secretaria de educação como coordenadores do projeto, os alunos tem a vantagem de ter assegurada a ida para a sala de aula praticar, a partir de agora não temos mais isso assegurado.

Outro ponto que considero muito importante é pelo fato de serem professores da secretaria de educação eles tem pratica com crianças em sala de aula, então falam do que vivenciaram e não só da teoria do que é ser professor.

Quando fiz a matéria de educação infantil percebi o quanto a pratica do professor faz diferença para o aprendizado de todos, quase todos os alunos da turma já estavam dando aula e a professora da matéria nunca tinha dado aula para crianças e ficava muito claro que ela nunca tinha entrado em sala de aula, apesar de saber muito sobre a teoria era muito claro o distanciamento que a professora tinha entre a teoria e a realidade da pratica na sala de aula.

No projeto de filosofia com crianças os professores conseguiam ter muita clareza das nossas dificuldades, sempre aconselhavam alguns pontos para serem observados e faziam indicação de leitura que ajudaria a entender a dificuldade que estávamos passando.

Quanto ao futuro do projeto na UnB não posso ter certeza de nada, mas fico tranquilo porque sei que os professores do projeto e as pessoas que tiveram a oportunidade de serem alunos e compartilhar dessa experiência de vida que é o projeto de filosofia, vão continuar proporcionando essa experiência de vida que é o trabalho com a filosofia, independente de onde estiverem trabalhando.

2.3 Por onde começar com a filosofia na escola?

2.4 Novelas Filosóficas.

(...) uma educação para o pensar sabe que o operar com ideias torna-se muito mais produtivo do pensar por si mesmo(...).

(...) no Programa Filosofia para Crianças, é chamado de COMUNIDADE DE INVESTIGAÇÃO. Ou seja, naquela comunidade na qual é realizada o diálogo investigativo a respeito dos temas que são suscitados pela leitura das “novelas filosóficas” que, por sua vez, suscitam outros e outros e outros temas. (Filosofia para crianças na prática escolar / Walter Omar Kohan, Vera Waksman (organizadores). Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. P. 21).

Mas o que são essas novelas filosóficas? As novelas filosóficas são histórias que o Lipman criou para trabalhar os temas filosóficos propostos em sala de aula.

A primeira novela filosófica criada por Lipman foi A Descoberta de Ari dos Telles, que ele visava trabalhar lógica com as crianças. Lembrando que quando ele pensou o programa de filosofia ele estava preocupado com os estudantes de ensino superior que apresentavam muitas dificuldades com o raciocínio lógico.

Mas como seriam essas histórias?

Lipman (1992) diz que certamente não aquele tipo de história onde em que adultos, que sabem tudo (...). Deveria ser algo que os pequenos descobrissem por si mesmos, com pouca ajuda dos adultos.

As histórias escolhidas tem por objetivo ajudar a gerar a discussão inicial em torno do tema filosófico escolhido e ser somente norteador. O professor não tem que ficar preso a história que foi escolhida. Isso costuma acontecer quando se adota a proposta, mas não se tem um acompanhamento e discussão do trabalho realizado.

Para tentar minimizar esse tipo de problema,

...criou-se, no projeto filosofia na escola desenvolvido no Distrito Federal, uma dinâmica de reflexão na qual o professor se tornasse autor de sua proposta filosófica. (Polêmicas sobre filosofia para crianças / Eder Alonso Castro. – Brasília: 2007, p. 49/50).

Segundo Koan, as novelas de Lipman foram pensadas para um público homogêneo em relação à idade e ao desenvolvimento cognitivo de acordo com os padrões de sua vivência cultural.

No começo do projeto de filosofia na UnB tentou se trabalhar com as novelas de Lipman, mas foi uma experiência que não deu muito certo. Trabalhamos com outros materiais para ajudar a gerar as discussões, por exemplo, poemas, músicas, desenhos, pinturas etc., procurando materiais que se aproxime o máximo possível da realidade das crianças e a nossa cultura.

2.5 Antes de começar.

Mas será que é só chegar e dizer para as crianças que agora tudo mudou e eles vão pensar diferente, que podemos começar?

As crianças não estão acostumadas a serem escutadas, observei que na maioria das vezes quando começamos a trabalhar com uma determinada turma e propomos trabalhar com filosofia elas aceitam discutir qualquer tema, mas a principio as respostas tendem a serem respostas prontas, as crianças sentem medo de não estar certo e ficam perguntando se é essa resposta mesmo.

As crianças não tem espaço (de fala principalmente) em sala de aula para sugerir novas possibilidades aos professores, não são escutados quando sugerem novas possibilidades de explorar o que estão estudando dentro dos seus próprios interesses. O professor perde a oportunidade de construir o conhecimento com os alunos e aprender novos caminhos para o ensino em sala de aula. Deixando de explorar os interesses dos alunos e com isso desestimulando as crianças a quererem aprender mais.



Figura 2

Um exemplo é uma oficina que realizei com uma turma de cinco anos de idade e a professora regente da turma como parceira. Percebi que as crianças não se arriscavam em tentar outras possibilidades, mesmo depois de algumas oficinas. Depois de observar bastante que percebi que a questão delas era devido a presença da professora que ficava dizendo que estava certo ou errado e cobrando que os alunos ficassem em silêncio e pedindo ordem para a turma.

Depois combinei com a professora trocasse de sala com a professora da outra turma nas próximas oficinas, ela aceitou. Depois disso realizei mais duas oficinas com a turma e percebi um maior envolvimento das crianças na discussão. As crianças se sentiram mais seguras sem a professora na turma, a professora oprimia as crianças e não as encorajava a tentar fazer as coisas sozinhas.

Lipman diz que tentou evitar até termos mais técnicos nas construções de suas novelas filosóficas para que as crianças não se sentissem intimidades, evitando que a própria linguagem se tornasse uma arma contra o trabalho filosófico.

Para que a filosofia aconteça é preciso construir uma base bem firme, Sem a comunidade bem alicerçada não é possível garantir a segurança de cada indivíduo na sala de aula, os diálogos e as discussões serão superficiais e não ousarão vislumbrar o que há sob a superfície. (...) é preciso ter a capacidade de manter um

delicado equilíbrio entre a necessidade de contar com uma boa estrutura que dê sustentação ao trabalho e a necessidade de capacitar as crianças para que as responsabilidades pelo que acontece na sala de aula seja compartilhada por todos. (...) A medida que a capacidade de respeitar a segurança da comunidade cresce, esses parâmetros podem ir sendo ampliados.

2.6 Começando.

Regras.

Para ajudar a criar a segurança necessária um bom começo é criar as regras básicas de convivência com o grupo e não chegar com regras pré-estabelecidas, que as vezes podem não ter significado real para eles.

Nesse primeiro momento o professor será condutor na definição das regras para que o grupo comece a se estruturar e possa ir conquistando responsabilidades diante do trabalho.

As regras são importantes para a convivência de todo grupo, mas elas são ajustáveis ao grupo conforme as necessidades do grupo. Trabalhamos a importância das regras, mas nunca nos esquecemos da importância das pessoas. Quando algo não funciona direito tentamos adequar com todos e se a regra questionada for necessária para a convivência do grupo continuar funcionando bem, ajudamos as crianças entenderem o porque é importante aquela regra para o grupo sem passar por cima de ninguém e nem prejudicar a convivência do grupo.

Uso como exemplo uma da oficina que realizei para mostrar um possível jeito de começar a trabalhar as regras com o grupo. Comecei a oficina conversando com eles sobre o que são as regras e qual sua importância, descobrindo o que eles acreditam que pode ser, para dar significado adequado a palavra e assim prosseguir. Alguns acreditam que as regras servem somente para punir as pessoas. E não sabem que servem para ajudar as pessoas a conviverem melhor.

Depois de fazer essa definição partimos para a construção das regras para as nossas oficinas. Foram levantadas as principais questões que dificultava as pessoas de se exporem. Muitos tinham medo de falar e os colegas ficarem rindo, outros

tenham medo de responder errado, etc., assim construímos algumas regras de convivência com eles a partir de suas experiências, onde todos se tornam responsáveis por sua criação e assim se sentindo responsáveis por seu cumprimento e ajudando a criar um ambiente mais seguro para que todos possam se expor sem medo.

-Todos podem falar ao mesmo tempo?

Como cita Tom Jackson, numa aula tradicional é o professor quem pede as crianças que usem da palavra. Temos observado que tem efeito importante em meninos e meninas o fato de eles próprios concederem a palavra uns aos outros. É como se tivessem o mundo em suas mãos.

Para construir esse espaço de fala e escuta, podemos trabalhar de varias formas.

Na prática observo que quando as crianças começam a respeitar a vez de fala do outro, elas também passam a passar a palavra para o outro e demonstrar mais respeito as ideias manifestadas pelos colegas e a escutar com um nível maior de atenção sem que precise que o professor faça intervenções com frequência.

Quando você consegue chegar a esse nível de troca com os alunos a turma adquire uma maturidade chegando a se organizar com mais facilidade e se tornando cada vez mais uma comunidade de investigação. Onde não precisa que o professor fique pedindo ordem o tempo inteiro. Como acontece na escola tradicional onde o professor é o detentor da verdade.

Não estou dizendo que as crianças fiquem quietinhas como acreditam que assim aprendam melhor. Mas é o que chamo de bagunça mais organizada. Em outras palavras, as coisas passam a acontecer de forma mais natural, conforme os interesses das crianças vão surgindo, sem a necessidade de imposição do professor. Observei em várias oficinas que as crianças demostram mais interesses quando vão percebendo que tem espaço de fala garantido e podem se expor com segurança. Assim participando mais das discussões e atividades propostas.

E as crianças se ajudam mais, conforme vão se sentindo seguras e valorizadas dentro do grupo, criando um espaço de troca mais dinâmico dentro da sala de aula, possibilitando uma troca de informações entre seus pares.

Nesse ambiente proposto as coisas a serem trabalhadas costumam ser discutidas com o grupo, onde as questões são postas na mesa e todos podem colocar suas opiniões sobre a questão proposta e trazer suas próprias questões e pensamentos sem serem desrespeitados na sua individualidade.

Mas ainda falando das regras para convivência tem uma que sempre faço questão de colocar: é que não tem certo ou errado e todos podem falar o que quiserem sobre o assunto que estamos conversando.

- Mas podem falar o que quiser mesmo?

Claro que tem suas entre linhas. Podem falar o que quiserem desde que não desrespeite ninguém.

Será que falar tudo o que querem contribuir para a construção do pensamento filosófico?

Quando se criar a comunidade de investigação na sala de aula as crianças ficam com medo de participar por acharem que suas respostas podem estar, certas ou erradas, quando falamos que não tem certo nem errado, mesmo desconfiadas elas começam a se arriscar para ver se é verdade essa história de não tem certo nem errado.

O grupo percebe que pode se expor cada vez mais sem que façam juízo de valor do que dizem, evitando as famosas risadinhas dos colegas. No começo todos querem falar ao mesmo tempo por descobrirem que podem falar o que pensam. Assim essa regra ajuda, primeiro, a construir o lugar seguro na sala de aula que estou escrevendo.

Depois que se constrói o hábito de escuta na sala de aula, como já disse começa a escutar cada vez mais também o que está sendo falado e assim vão reformulando seus pensamentos e *pesquisando* sobre o assunto para contestarem ou só para saberem mesmo e gerando assim soluções para os problemas tratados.

E assim podendo se interessar e participar cada vez das discussões propostas e fazendo suas próprias propostas.

2.7 Qual o papel do professor nessa história?

Ensinar implica assumir um compromisso e uma responsabilidade muito grande. Um bom docente será alguém que se situa à altura dessa responsabilidade. (o ensino de filosofia com problema filosófico / Alejandro Cerletti : [tradução Ingrid Muller Xavier]. – Belo Horizonte : 2009 p.9).

O professor tem que saber que precisa assumir um compromisso para trabalhar de forma filosófica em sala de aula.

O professor deixa de assumir o papel de professor provedor que fornece tudo pronto e os alunos só tem o trabalho de copiar e reproduzir, e deixa também de ser o dono da verdade absoluta em sala de aula para assumir um papel de igualdade. **Ele terá o papel de incentivar os alunos a pensarem e não de criar alunos acríticos.**

Quando o professor se coloca em igualdade com os alunos não quer dizer que ele tá deixando de assumir suas obrigações como professor, e assumindo um papel secundário, e sim assumindo novas responsabilidades.

(...), Rancière - Jacotot afirmam a incompatibilidade de pensar que um professor explicador possa emancipar. A razão é clara: a explicação supõe a logica do embrutecimento: quem explica impede que a inteligência de quem aprende trabalhe por si mesma. Ao contrario, quem emancipa interroga porque quer escutar uma inteligência desatendida. Não é conveniente que o mestre saiba demasiado porque esses saberes podem entorpecer o caminho. É necessário um mestre ignorante. O que esse mestre ignora é uma quantidade de saberes que poderiam condicionar o modo como acolhe o caminho de quem aprende e também ignora a logica da desigualdade das inteligências imperantes na instituição escolar.(Filosofia: o paradoxo entre aprender e ensinar / Walter Omar Kohan - [tradução Ingrid Muller Xavier]. – Belo Horizonte : 2009 p. 47 – 48.)

Quando o professor deixa de assumir esse papel de reproduzidor de conteúdo ele tem que criar novas estratégias de ensino porque as aulas passam a serem dinâmicas onde o professor e o aluno passam a ser sujeitos responsáveis pela educação.

Os melhores professores e professoras serão aqueles que possam ensinar em condições diversas, e não só porque terão que idear estratégias didáticas alternativas, mas porque deverão ser capazes de repensar, no dia a dia, os próprios conhecimentos, sua relação com a filosofia e o marco em que

pretendem ensiná-la. Trata-se, muito mais do que ocasionais desafios pedagógicos, de verdadeiros questionamentos filosóficos e políticos. A docência em filosofia convoca os professores e as professoras como pensadores e pensadoras, mais do que transmissores acríticos de um saber que supostamente dominam... (o ensino de filosofia com problema filosófico / Alejandro Cerletti : [tradução Ingrid Muller Xavier]. – Belo Horizonte : 2009 p.9).

O professor será um professor pensador que pratica para poder ensinar, não um professor que simplesmente reproduz algo que veio pronto sem saber o que está transmitindo. O professor também tem que exercitar a filosofia para trabalhar com ela, caso contrario ele continua sendo um mero transmissor de conteúdo onde ensina algum conteúdo e espere que os alunos consigam usar sendo que nem sequer sabem o que estão aprendendo/memorizando.

Espera-se que o que é ensinado possa ser usado, quando se usa a pratica filosófica no ensino as crianças passam a ser mais participativas porque o ambiente se torna um espaço dinâmico.

A filosofia na escola não vem somente com o papel de ensinar as crianças a filosofar, mas ela traz a questão de como ensinar, pensando na pratica usada para o ensino na escola.

Capítulo 3 - Filosofia na escola: Experiência de uma pratica pedagógica.

Quando é proposto trabalhar filosofia na escola a ideia não é trazer a filosofia somente como mais uma matéria para a sala de aula, mas sim de tentar trazer a proposta de trabalho da filosofia para a escola, de modo que todos envolvidos de alguma forma com a escola trabalhem de forma filosófica, criando um espaço de reflexão e dialogo dentro de todos os espaços da escola. Onde as pessoas possam se ver de forma igual, não deixando de cumprir com seus papéis, mas se respeitando, sabendo que podem se colocar sem medo de estarem erradas, ajudando as crianças a se sentirem seguras, onde o professor deixa de ser o dono da verdade e assumindo que também tem à aprender criando um espaço dinâmico na sala de aula onde as crianças possam se desenvolver.

O professor precisa agir de forma filosófica para conseguir trabalhar assim, não adianta pensar que está trabalhando dessa forma e não se comprometer com a

proposta. Em pouco tempo o trabalho para de produzir frutos e volta a ser como sempre foi.



Figura 3

Tive a oportunidade de conhecer e trabalhar em uma escola onde as pessoas podem contar com um espaço parecido com a proposta filosófica. É um espaço que as crianças não recebem um conteúdo pronto e acabado e sim um espaço onde o saber é construído junto com as crianças.

3.1 Que escola é essa?

Na verdade nem chamamos de escola porque lá é uma associação sem fins lucrativos, Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo ou como chamamos carinhosamente de Vivendo.

A Vivendo começou a partir de um grupo de pais que estavam insatisfeitos com o ensino dos seus filhos e tentaram implantar uma proposta inovadora na escola em que eles estudavam, para tentar transformar a escola na escola com que eles sonhavam, mas depois de suas tentativas não conseguiram. Então decidiram continuar se reunindo para discutir o seu projeto.

A ideia principal do projeto era poder ter uma escola que:

O que queríamos?

Basicamente, uma escola que desenvolvesse em nossos filhos: - a capacidade de pensar; - a criatividade; - o prazer de aprender; - e o gosto pelo conhecimento.

(...)Queríamos crianças aprendendo e felizes, queríamos que elas se tornassem seres humanos no sentido pleno.(Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. n°2 (outubro/2004) – Brasília: A Associação, 2004 p.7)

Depois de pensado o projeto procurado locais para se instalar, a Vivendo tomou vida em 1982 atendendo turmas da pré-escola.

Basicamente estamos tentando realizar um trabalho que dê às crianças oportunidade de se tornarem indivíduos originais, capazes de explorar criativamente as alternativas oferecidas pela realidade, na solução dos problemas e transformação dessa mesma realidade. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, n°1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999 p.13)

Onde os fundamentos do trabalho da vivendo para atingir esses objetivos são:

-Todo o trabalho com as crianças é realizado a partir do seu interesse imediato e espontâneo;

*-São criadas condições dentro das perspectivas apontadas, que contenham **desafios** adequados ao seu estágio de desenvolvimento e que não incentivem o espírito de competição interindividual, mas ao contrário desenvolvam o **espírito de cooperação**, respeito pela opinião do outro e de **participação** na vida grupal.*

Dentro dessa competição de trabalho, o professor tem um papel de organizador, de animador das experiências do grupo; é aquele indivíduo que procura acompanhar as transformações que ocorrem no grupo, introduzindo, quando necessário, mudanças para o seu bom funcionamento. Ao mesmo tempo, procura transferir para as crianças parcelas de responsabilidades cada vez maiores em relação a todos os aspectos da vida da escola e à autonomia individual e grupal. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, n°1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999 p.13 - 14).

A Vivendo e Aprendendo tem como principal objetivo, desenvolver todas as potencialidades da criança valorizando suas formas de expressão, ajudando-a a sentir-se mais segura e feliz consigo mesma.

Não tenho dúvidas que a Vivendo consegue cumprir com esse papel que é proposto. Acredito nisso porque lá as crianças tem espaço para tentar fazer as coisas.

Em outra escola que trabalhei eu percebia claramente que as crianças não tentavam muitas experiências novas ou fora do que era proposto. Porque quando

faziam alguma coisa “errada” (fora do que foi solicitado) eram castigadas, tinham que ficar sentadas sem poder sair ou falar pelo tempo que o professor jugasse necessário. Criando assim crianças medrosas, tirando delas a autonomia de fazer as coisas, tirando a própria liberdade de escolha. Porque quando se tentava fazer algo diferente pode ser entendido como errado, correndo o risco de ficar de castigo.



Figura 4

Teve o caso de um aluno que o pai o mudou de escola antes de chegar o final do ano letivo, um ano e meio depois encontrei com eles e perguntei porque tinha tirado o menino da escola e ele me disse que o menino estava com medo de tudo, qualquer coisa que o menino fazia já pedia desculpas antes mesmo de alguém falar algo, achando que poderia ser alguma coisa errada. Esse aluno era taxado na escola como “atentado” e sempre ficava de castigo sem saber ao menos o porque. Já deixava de ser construção de limites com a criança, era tantas vezes que o menino não sabia mais porque estava de castigo, e **os professores o colocavam de castigo muitas vezes porque simplesmente não tinham nenhuma disponibilidade para lidar com as questões das crianças, então é mais fácil colocar de castigo sem nenhum questionamento, porque deixa de ser problema meu se isso não resolver é a criança que não tem mais solução ou é culpa dos pais ou qualquer outra coisa, menos do professor.**

A educação é o modo como as pessoas, as instituições e as sociedades respondem a chegada daqueles que nascem. A educação é a forma com que o mundo recebe os que nascem. Responder é abrir-se a interpelação de uma chamada e aceitar uma responsabilidade. Receber é criar um lugar: abrir um espaço onde aquele que vem possa habitar; por - se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa.

Não se trata, então de que – como pedagogos, como pessoas, como pessoas que conhecemos as crianças e a educação – reduzamos a infância a algo que, de antemão, já sabemos o que é, o que quer ou o que necessita. (LARROSSA, Jorge, Pedagogia Profana Danças, piroetas e mascaradas, 1998. P. 234 – 235).

Um dos princípios que o projeto de filosofia tem em comum com a Vivendo é que a criança não é vista como uma coisa acabada e pronta que com uma receita podemos entender e explicar tudo que acontece e como funciona e assim ter o “produto final esperado”. Na vivendo a criança é vista e respeitada na sua individualidade, o trabalho com elas é feito a partir dos interesses imediato das crianças. Nunca entendendo a criança como uma coisa pronta e acabada.

Nós sabemos o que são as crianças, ou tentamos saber, e procuramos falar uma língua que as crianças possam entender quando tratamos com ela, nos lugares que organizamos para abriga-las.

Não obstante, e ao mesmo tempo, a infância é um outro: aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas praticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a infância como um outro é, justamente, pensar essa inquietação, esse questionamento e esse vazio. (LARROSSA, Jorge, Pedagogia Profana Danças, piroetas e mascaradas, 1998. P. 230).

Diferente das escolas tradicionais, como no caso do aluno que foi tirado da escola, observei que depois de colocar a criança de castigo na escola por algum “problema” surgia o comentário entre professores que a criança não tinha “mais jeito” porque nada resolvia. Foram poucas as vezes que observei alguém tentando entender as crianças para ajudar a entender o mundo. A tentativa foi sempre de tentar conseguir que a criança obedecesse por medo de ser castigada, quanto mais obediente, “melhor é a criança”.

3.2 Liberdade sem medo.

Quando saímos da escola tradicional temos medo de tudo, se vamos passar no vestibular, se vamos conseguir um bom emprego, o que nossos pais vão pensar se não conseguirmos realizar os sonhos que sonharam para a gente entre outras coisas.

Não temos escolhas, muita coisa parece que já está decidido o que vamos ser. Acabamos sendo desencorajados a tentar outras possibilidades. Quando

começamos a trabalhar ficamos com medo de apresentar nossas ideias e não serem consideradas boas.

A nossa liberdade de escolha foi tirada, sempre temos que fazer o que é o “certo”, a nossa liberdade de escolha é tirada. Não estou dizendo que podemos fazer tudo que queremos, mas que não temos que fazer tudo o que mandam também. Fazer ou não fazer não é questão de escolha é uma questão de medo, medo de ser punido.

No ensino filosófico a preocupação está em fazer uma construção moral com as crianças, trabalhando as questões de forma que as crianças participem do processo de construção e entendam que significa cada coisa e suas implicações. Construindo com as crianças o que é o certo ou errado desejável dentro da sociedade em que elas vivem e entendendo o porque dessas regras.

Descobri que não só era importante que as crianças aprendessem a pensar de maneira correta num sentido lógico, mas também que era importante que pudessem pensar acerca de estética, ética, política e fazer bons julgamentos em torno das diferentes questões que tradicionalmente tinham sido patrimônio da filosofia. Comecei a pensar que meninos e meninas precisavam da filosofia para esclarecer conceitos que são filosóficos (como “verdade”, “tempo”, “justiça”) e que, ao mesmo tempo, fazem parte da linguagem de todos os dias. Os adultos dizem continuamente as crianças que devem se comportar bem, mas nunca discutem com elas o que é o bem; pedem-lhes que digam a verdade, mas nunca falam com elas acerca do que é a verdade. E não só não discutem com as crianças, como também não concebem espaços para que elas conversem a respeito entre si ou pesquisem por si mesmas. (Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman/ Walter Omar Kohan, Ana Míriam Wuensch. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. P. 30-31)- (série filosofia e crianças).

E assim podemos ajudar as crianças a dar significado as coisas e não simplesmente “enfiando goela abaixo” delas e dizendo que tem que fazer assim e pronto. Depois como podemos dizer que estão fazendo uma coisa “certa ou errada” se não entendem a diferença entre o que jogamos ser certo ou errado, simplesmente ensinamos que não podem fazer e pronto, acabou a conversa.

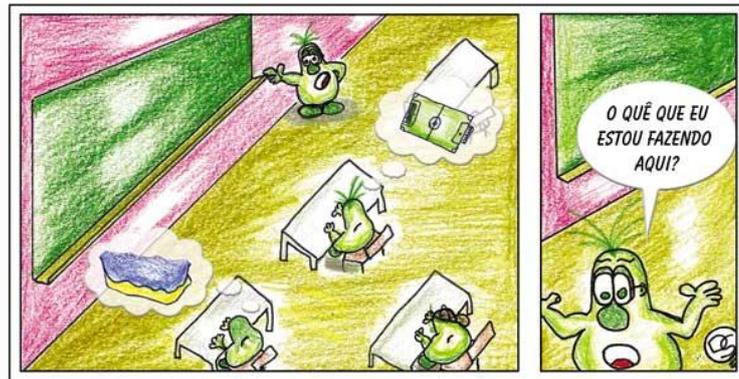


Figura 5

Quando criamos um espaço que as crianças podem exercer sua autonomia e deixamos as crianças participarem dos processos de construção elas se sentem cada vez mais valorizadas no grupo e na sua individualidade.

Por autonomia entende-se a liberdade de escolher o que, quando e de que forma fazer e não a “liberdade” somente de poder fazer as coisas que tem para ser feitas.

Essa liberdade é importante porque pessoas mais autônomas adquirem mais responsabilidades dentro do grupo que vivem e se tornam mais participativas, ajudando a criar a sensação de pertencimento ao grupo se tornando responsável com o grupo também. Como consequência investem mais energia no grupo e conseguem perceber melhor as pessoas a sua volta.

Nesse aspecto o jeito de trabalho filosófico não funciona somente em escola, é uma dinâmica que pode ser usada em qualquer outro ambiente, e uma forma de viver.

Quando comecei a trabalhar na Vivendo, depois de trabalhar em outros lugares, esperava que as pessoas me mandassem fazer as coisas, tinha pouca autonomia e medo de fazer alguma coisa que fosse errado e que fosse punido por cometer algum erro, ou fizesse algo de forma diferente. Com o passar do tempo fui percebendo como era diferente aquele lugar e sentindo cada vez mais que aquele lugar era meu também.

“Apanhei” muito até entender como funcionava a dinâmica da Vivendo. Quando eu cometia algum erro as pessoas vinham conversar abertamente,

mostrando onde foi a falha e apontando as possibilidades de melhora. A preocupação que se tinha era em ajudar a melhorar, para que sempre pudéssemos estar melhorando juntos.

Sempre senti um grande respeito nesses momentos, me passando segurança para dizer o que aconteceu, sem sentir necessidade de esconder nada. Assim resolvendo os problemas da melhor forma possível.

Foi quando comecei a perceber como funciona a dinâmica da filosofia, pude perceber como aquele lugar passava a ser meu também, me sentindo pertencente aquele grupo e em consequência querendo participar cada vez mais daquele espaço e contribuir com ele.

3.3 A roda.

Outro ponto da Vivendo que se assemelha com o proposta do projeto de filosofia na escola é um momento da rotina que chamamos de roda na vivendo. O dia na escola começa com todos sentados em roda proporcionando um espaço onde todos podem se olhar, permitindo criar um clima que traga segurança para a criança.

Recebemos as crianças em roda, onde cada um tem o seu espaço garantido para falar o que quiser, se colocar sobre o assunto que está sendo estudado, contar ou mostrar alguma novidade, etc.. Ainda na roda combinamos as atividades que vão ser feitas durante o dia, e muitas vezes, apresentamos o próximo trabalho. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, n°1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999 p. 44.).

A roda é onde começamos os trabalhos do dia. É um espaço que permite que o professor possa perceber como as crianças estão, podendo assim sentir como está o “clima” na turma para “saber se vai chover ou não” para saber se “precisa usar guarda chuva ou não” e assim seguir com eles no mesmo clima.

A diferença de ter espaço para falar na Vivendo (entende-se espaço filosófico também) e nas outras escolas é que na vivendo quando você fala não é um simples exercício de incentivo a fala e nas outras escolas sim.

Na Vivendo quando você fala é dado importância ao que você está falando, quando uma criança traz alguma coisa para o grupo compartilhamos, quando traz

algum problema escutamos e procuramos a melhor solução juntos, quando traz alguma angustia estamos do lado para ajudar a lidar com o que está sentindo.

Nesse “lugar” as pessoas são tratadas como pessoas e não como coisas, as pessoas são valorizadas e respeitadas.

A roda “aquece” as pessoas para o cotidiano na escola. É como se ai colocassem as fantasias (uniformes) para o desempenho da relação aluno professor. O adulto e a criança são “pessoas na escola”. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, nº1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999 p. 39).

A roda é um espaço muito importante, mas ele não é o único espaço que as crianças podem falar, elas tem espaço para fazer isso em qualquer momento que jogar necessário. A roda é um momento para incentivar as crianças a falar e se colocar no grupo.

A rotina na vivendo é outro ponto considerado muito importante. A rotina se adapta ao ritmo das crianças, respeitando o tempo de cada uma.

A criança de 2 anos que vem para a escola, vivencia, ainda intensamente, a experiência de satisfação de necessidade fisiológicas, está em pleno exercício da busca de satisfação de necessidades fisiológicas, está em pleno exercício da busca de satisfação de seus desejos, no processo de distinção do “eu” e do “não eu”. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, nº1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999 p.38)

E quando chega na escola tem que se adaptar a um ritmo diferente, ao ritmo da escola.

A escola por sua vez, trabalha no sentido de ajudar a criança neste processo e, juntamente com isso, imprime um ritmo próprio dela (escola) para possibilitar que a criança se sinta segura no ambiente e possa se desenvolver com facilidade.

Ao proporcionar uma rotina com base no conhecimento do ritmo mesmo da criança (próprio a seu estágio de desenvolvimento), um compasso para o desenrolar das relações entre crianças e delas com os adultos, já se coloca para a criança a questão do outro, do grupo, do social, da relação distinta que ela tem com o colega e com o professor. A rotina á, ela mesma, um limite e um caminho. Limite porque o “quando e onde fazer o que” vem de fora e se choca muitas vezes com o pulsar interno do “eu quero isto aqui e agora”, ou do “eu preciso disto aqui e agora”. Caminho, porque propõe a criança outra forma, menos egocêntrica de satisfação dos seus desejos. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, nº1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999 p.38)

Outro aspecto muito importante para se falar sobre a Vivendo é o não gostei:

NÃO GOSTEI – Esse é um termo muito utilizado por professores e crianças da nossa escola, e tem como um de seus objetivos a expressão verbal (em vez de conflito físico) quando algo de que a criança não gosta acontece. *(Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. n°2 (outubro/2004) – Brasília: A Associação, 2004 p.37)*

Quando uma criança faz algo que alguém não gosta, por exemplo, uma criança bate na outra, ao invés de ser colocada de castigo chamamos as crianças envolvidas para conversar e entender o que aconteceu, onde a criança explica o que aconteceu e diz para o colega que não gostou do que aconteceu. Se a criança queria pegar alguma coisa da outra e bateu para conseguir o que queria, argumentamos sobre a importância de pedir para o colega o que queria e não bater.

Lembrando sempre da importância de respeitar o corpo do colega, da importância de se conversar. Argumentando conforme cada caso e incentivando sempre a conversa.

Esse processo é construído com o tempo, desde de pequeninhos quando entram na escola, mesmo antes de saberem falar direito são incentivados a dizer o não gostei e conforme crescem vão adquirindo argumentos para resolverem seus problemas por conta própria. Tendo mais clareza das coisas com o passar do tempo, entendendo como funciona.

Quando conversamos com elas percebemos que tem um interesse maior nas coisas tem vontade de aprender com você, e o mais importante, não tem medo de mostrarem o que sabe, quando tem alguma teoria mirabolante sobre alguma coisa dizem sem medo de serem julgadas. São crianças preparadas para “provar” o novo e pensar e repensar, questionando o mundo.

O professor da vivendo não é um professor explicador e um professor que aceita a natureza das crianças, é um professor que possibilita espaço para que possam agir como realmente são, questionadoras por natureza. Quando seguimos o sistema tradicional fazemos com que acreditem ser o que não são e assim aceitando serem simplesmente adestradas, “*dando o pé quando pedem*”.

Ser professor na Vivendo é poder exercer sua criatividade de ser humano em cada momento de seu trabalho, e criar é uma necessidade vital. Ser professor na Vivendo é sermos todo o tempo nós mesmos, e a Vivendo nos desafia a essa descoberta. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, n°1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999 p. 53).

Na vivendo conduzimos as atividades como oficinas, com a intenção de proporcionar ao aluno um espaço para se envolver com o que está sendo trabalhado em sala de aula.

Se a oficina é o lugar onde se exerce um ofício; se este ofício é realizado com arte; se desta arte surgem artefatos, verificam-se transformações, emergem diferenças, elaboram-se maneiras, jeitos, artimanha; se por iniciativa e vontade própria – de ofício – falas irradiam ideias e novas ideias irrompem; se encontros acontece, se acontecimentos se encontram; se oficiam-se pré-ocupações e ocupações; se cuidados são produzidos; se sensações são criadas; se emoções vivificadas; se intensa e profundamente suscita-se o desejo; se a experiência se prolonga e renova, então é sobre este lugar que quero fala: A oficina (LEAL, 2007, p.69)

Uma das características da oficina é a formalidade que se tem no trabalho em oficinas, que é diferente do trabalho normal de sala de aula.

Essa área de contato humano, sempre menos formal que as dimensões escolares e acadêmicas usuais, mais ativa e provocadora, menos valorizada hierarquicamente nos Congressos e Simpósios, mais convidativa e instigante, materializa, a meu ver, a arte do envolvimento. Envolvimento que implica movimento, que exige um continuo volver, que revela o que cada um traz em si, o que se encerra em cada pessoa, o que podemos conter e nos importa. O compromisso de fazer-se presente, de confundir-se, misturar-se. A decisão em tomar parte em um grupo, de intrometer-se numa atividade. A opção por mesclar palavras, ideias, gestos e opiniões. A iniciativa de compromissar-se em ouvir, falar, silenciar, pensar com o outro. (LEAL, 2007, p.69)

O professor na vivendo possibilita que a criança procure e aprenda o que ele mesmo não sabe, sem ser um professor provedor que dá tudo pronto para a criança, ele trabalha junto com as crianças, de forma investigativa e emancipadora. Como diz Jacotot, o mestre emancipa o aluno: isso é força o aluno a usar sua própria inteligência.

Para emancipar um ignorante, é preciso e suficiente que sejamos nós mesmos emancipados; isso é, conscientes do verdadeiro poder do espírito humano. O ignorante aprenderá sozinho o que o mestre ignora, se o mestre acredita que ele o pode, e o obriga a atualizar sua capacidade: círculo de potencia homologa a esse círculo da impotência que ligava o aluno ao explicador do velho método. (o Mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual/ Jaques Rancière; tradução de Lilian do Valle – 2° ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004 p. 34)

Assim possibilitando que os alunos aprendam até mesmo o que o professor não sabe.

Outro ponto em comum com o projeto de filosofia e a Vivendo é a busca de um tema em comum que a turma se interesse para trabalhar os conteúdos. Fazendo com que todos acabem se interessando no tema que está sendo proposto e assim se sentindo estimulados a participar das propostas.

Aqui partilhamos o conhecimento de mundo e de vida, que se misturam, fazendo um frapê sem igual de brincadeiras e seriedade onde quem somos, pensamos e agimos contribui para o adulto de amanhã, e isso é o mais belo de tudo. Ser professor nesse quintal é um sentimento, mais que uma profissão, e por ser assim não se escreve, você sente você é. (Escrevendo e Aprendendo/ [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. nº2 (outubro/2004) – Brasília: A Associação, 2004 p.53)

A busca de um tema em comum permite que as crianças proponham o que estão interessadas em estudar, participando cada vez mais da construção do próprio saber e estudando coisas que elas gostem.

Criando com isso uma relação de amor com a escola onde se sentem seguros acolhidos e respeitados.

Em uma oficina não há como não entrar. Não se pode assistir de fora, como a uma palestra. Em uma oficina se entra ou não se atende, nem entende o apelo. Atendemos o chamado. Nós somos os entrantes. Somos aqueles que estão prestes a começar; em pleno devir. Quando decidimos entrar, passamos de fora para dentro. Não estamos mais a parte. Fazemos parte. Incluímos – nos. Introduzidos nas entranhas de uma discussão filosófica coletiva aprofundamos nossas e outras ideias, penetramos nossos e outros pensamentos, nos enfiemos na trama que tecemos com fios desiguais. São diferentes tonalidades, espessuras e tamanhos que se misturam. O tecido é uno. Os fios, variados. O ofício, comum. (LEAL, 2007, p.73).

Nesse sentido posso dizer que a Vivendo também é uma oficina, onde as pessoas (não somente as crianças) que passam por lá sempre querem ficar e interagir um pouco mais, deixar um pouco delas e levar um pouquinho daquele lugar para outros lugares.

A aprendizagem criativa e pesquisadora requer que os participantes todos estejam igualmente perplexos perante os mesmos termos ou problemas. Grandes universidades tentam inutilmente alcançar esta aprendizagem multiplicando os cursos; mas geralmente fracassam porque estão presos a currículos, estruturas de curso e administração burocrática. Nas escolas inclusive nas universidades, gasta-se a maioria dos recursos tentando comprar o tempo e a motivação de um número limitado de pessoas para que elas assumam determinados problemas e os resolvam segundo um programa ritualmente definido. A mais radical alternativa para a escola seria uma rede ou um sistema de serviços que desse a cada homem a mesma oportunidade de partilhar seus interesses com outros motivos pelos mesmos interesses. (Sociedade sem escolas/ Ivan Illich. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. p.33-34.)

Trabalhando de forma filosófica em sala de aula podemos criar um ambiente onde a criatividade possa ser estimulada e todos possam ser sujeitos da sua aprendizagem cada dia mais, sendo menos reféns dos professores.

O direito igual de cada pessoa de exercer sua competência para aprender e instruir-se é, atualmente, pré-esvaziado pelos professores com certificados. (Sociedade sem escolas/ Ivan Illich. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. p.36).

Com a filosofia conseguimos que o professor deixe de ser o provedor de tudo e passe a ser um parceiro na construção do conhecimento.

Para saber o que esperamos da escola temos que pensar o que queremos da escola. A escola não tem que ser um espaço somente para aprendizados formais (conteúdos), Illich (1985) diz que a maior parte dos nossos conhecimentos aprendemos fora da escola.

A escola tem novas funções na sociedade atual, e temos que atuar não somente a serviço da construção de conhecimentos, mas também com o objetivo de construção de um ser humano capaz de viver e relacionar na sociedade atual.

Considerações Finais

Apresentei nesse trabalho um pouco do como se trabalhar de forma filosófica em sala de aula, mostrando perspectivas do projeto de filosofia com crianças para o trabalho nas escolas e tentando mostrar que o trabalho filosófico cabe em todos os espaços da escola, podendo se usar a forma de pensar filosófico em todas as matérias ajudando a ter crianças a terem pensamentos mais autônomos e menos pensamentos reproduzidos, acríticos.

Apresentando também uma escola que trabalha em todo o seu contexto de forma semelhante a proposta do projeto de filosofia com crianças, mostrando que é possível realizar um trabalho com as crianças semelhante ao proposto e não é somente uma proposta bonita, mas é uma proposta viável e possível.

Comparando também essa escola com o sistema tradicional de ensino, onde o aluno não tem muito espaço para atuar em sala de aula e projeto de filosofia tenta trazer cada vez mais o aluno para ser sujeito do seu próprio aprendizado.

É possível levar o pensamento filosófico para as salas de aula. Pode parecer fácil implantar esse projeto, mas é necessário muito interesse e participação da comunidade escolar e interesse por parte dos professores, pois exige uma mudança de postura no trabalho em sala de aula e que os professores discutam bastante sobre o pensamento filosófico em sala de aula.

A experiência com o projeto me ajudou a enxergar um jeito diferente de trabalhar com os alunos, mostrando que sempre é possível tentar novas possibilidades dentro do ensino, incentivando cada vez mais os alunos a serem atuantes dentro da escola e na vida e o projeto de filosofia contribui com isso.

Perspectivas futuras.

Primeiramente vou conseguir algum emprego de preferencia na área de educação, mas pode ser em outras áreas.

Tenho duas áreas de interesse maior, primeiramente tenho interesse em trabalhar com projetos sociais e na área empresarial com treinamento, recrutamento, seleção e desenvolvimento de pessoas.

Assim que começar a trabalhar quero fazer mini cursos em varias áreas que não conheço bem ainda e gostaria de aprender mais sobre, depois pretendo fazer alguma especialização, ainda não decidi em que, depois disso pretendo fazer um mestrado.

São possibilidades que planejei e estou investindo nelas, mas nunca me fecho a novas oportunidades, interesse por muitas coisas, pode ser que faça algo totalmente diferente que imaginei.

Mas certeza mesmo só que vou fazer o que sempre fiz de melhor, vou continuar seguindo sem me preocupar muito e fazendo sempre o que gosto.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Eder Alonso. *Polêmicas sobre filosofia para crianças*. – Brasília: 2007.

CERLETTI, Alejandro. *O ensino de filosofia com problema filosófico*. Tradução Ingrid Muller Xavier – Belo Horizonte: 2009.

ILLICH, Ivan. *Sociedade sem escolas* – Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 5. Ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

KOHAN, Walter Omar e XAVIER, Ingrid Muller. *Abecedário de criação filosófica* – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____ e WUENSCH, Ana Míriam. *Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman* – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. - (série filosofia e crianças).

_____ e RIBEIRO, Álvaro Teixeira. *Filosofia e práxis pedagógica*. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

_____ e WAKSMAN, Vera. *Filosofia para crianças na prática escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____ *Filosofia: o paradoxo entre aprender e ensinar*. Tradução Ingrid Muller Xavier – Belo Horizonte : 2009.

LARROSSA, Jorge. *Pedagogia Profana Danças, piruetas e mascaradas*, 1998.

LEAL, Bernardina. *Oficina*. In RESAFE numero 6/7. Brasília: UnB, 2006/2007

RAFFIN, Françoise. *Pequena introdução a filosofia*. tradução de Constância Morel e Ana Flaksman. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

RANCÈRE, Jaques. *O Mestre ignorante – cinco lições sobre a emancipação intelectual*. tradução de Lílian do Valle – 2 ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

REBOUL, Olivier. *Filosofia da Educação* 1984.

SHARP, Ann M. artigo publicado em Linhas Críticas, Brasília, Vol. 5-6, 1998.

_____ *Lugares da Infância: Filosofia*, p 122. 2004.

Escrevendo e Aprendendo [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. nº2 (outubro/2004) – Brasília: A Associação, 2004.

Escrevendo e Aprendendo [Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo]. 2.ed. Ano I, nº1 (dez. 1998 – jun. 1999) – Brasília: A Associação, 1999.

Outras Fontes:

Sites:

Figura 1 - Disponível na internet via URL

http://www.cbpf.br/~eduhq/html/tirinhas/tirinhas_assunto/escola/escola.php?pageNum_Recordset1Escola=3&totalRows_Recordset1Escola=29 Arquivo consultado em 17 de outubro de 2011.

Figura 2 - Disponível na internet via URL

<http://blog.meiapalavra.com.br/files/2011/04/carton.jpg> Arquivo consultado em 17 de outubro de 2011.

Figura 3 - Disponível na internet via URL

http://www.cbpf.br/~eduhq/html/tirinhas/tirinhas_assunto/escola/escola.php?pageNum_Recordset1Escola=26&totalRows_Recordset1Escola=29 arquivo consultado em 17 de outubro de 2011.

Figura 4 - Disponível na internet via URL

<http://www.google.com.br/imgres?q=tirinhas+sobre+castigo+na+escola&um=1&hl=pt-BR&sa=G&biw=1366&bih=647&tbn=isch&tbnid=BzcSZuDfn5RrGM:&imgrefurl=http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/como-resolve-indisciplina-autoridade-moral-convencao-cooperacao-autonomia-503230.shtml%3Fpage%3Dall&docid=F3zd1H8rX4UiM&imgurl=http://revistaescola.abril.com.br/img/geral/226-calvin-5.gif&w=615&h=195&ei=UbWcTufOB-bo0gHstNCbCQ&zoom=1> arquivo consultado em 17 de outubro de 2011.

Figura 5 - Disponível na internet via URL

http://www.cbpf.br/~eduhq/html/tirinhas/tirinhas_assunto/escola/escola.php?pageNum_Recordset1Escola=4&totalRows_Recordset1Escola=29 arquivo consultado em 17 de outubro de 2011.